

Stálin: amargas lembranças de um ditador

Paulo Gadelha
Desembargador Federal do
TRF da 5ª Região

A história, sabem-no muitos, é implacável com quem não soube honrá-la, nem construí-la, nem escrevê-la, nem vivê-la.

Neste campo, a posteridade, como o seu Grande Tribunal, não tem como absolver quem não lhe fez jus.

Foi assim, ressalte-se, com Josef Stálin, o todo-poderoso chefe da utopia comunista.

No bem-escrito livro – *Stálin – A corte do czar vermelho* – publicado pela editora Companhia das Letras, Simon Sebag Montefiore, o historiador britânico, faz percuciente, sério e alentado estudo sobre Josef Stálin, que no léxico russo significa “homem de aço”, e do seu longo tempo à frente dos destinos da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas.

A linguagem, sem os adornos e as mágicas dos eufemismos, é direta, adulta, cortante.

Por isso, as revelações que surgem apontam desacertos e incongruências na vida e no legado ideológico do sucessor de Lenin.

Assim, para Montefiore, Stálin chegou a ser um colaborador da Okhrana, a temível polícia secreta do czar.

E busca, Sebag Montefiore, apoiar a sua tese no fato de que preso, por atividades contrárias ao regime vigente, Stálin recebia penas leves, como uma espécie de recompensa pelo seu passado colaboracionista.

Num dos trechos do livro, o escritor britânico afirma, perguntando: “Em fevereiro de 1913, Stálin foi preso de novo e recebeu uma pena de exílio suspeitamente leve: seria ele um agente da Okhrana, a polícia secreta do czar?”.

O texto, uma espécie de romance histórico, é resultado de paciente pesquisa que durou cinco anos, debruçado o autor em robusta documentação, a partir de 1999, quando o arquivo do “guia espiritual” foi aberto à investigação dos estudiosos.

Desde as primeiras páginas da obra, o leitor se deixa envolver pelo clima de suspense constante. Por uma atmosfera de ineditismo.

Assim, recorda o autor, a contraditória noite de 8 de novembro de 1932, 15 anos após a revolução bolchevista de 1917, quando Iosif Vissarionovitch Djugatevilli, vulgo Stálin, e seus sócios no poder comemoravam o triunfo inevitável do socialismo como determinismo histórico, que culminaria, obviamente, com a implantação da sociedade sem classes, a efeméride se transforma em tragédia, com o suicídio, naquele dia e hora, da bela, enigmática, jovem e depressiva Nádia, a segunda mulher do “camarada” Stálin.

Sem esquecer, é tautológico, as deportações, os extermínios, as “férias forçadas” nos Gulags.

O livro é, inquestionavelmente, a anatomia do stalinismo; o retrato de corpo inteiro de um déspota esclarecido, onde vários historiadores apontam ter sido ele o responsável pelo assassinato de 20 milhões de soviéticos, aí incluídos líderes comunistas e fiéis seguidores da crença marxista.

E Simon Sebag Montefiore o disse recentemente, quando lembrou: “Eu não poderia ter sido mais claro na introdução, quando digo que esse não é um livro de história política, nem militar, nem diplomática, nem ideológica. É uma história da corte de Stálin”.

Com todo o seu séqüito de deformações.